

I Simpósio de Medicina Paliativa

Arranque de melhores cuidados ao doente terminal

Os trabalhos foram abertos pelo **Director-Geral de Saúde**, Dr. Nunes de Abreu, representando o Ministro, ausente no Porto em missão de serviço. Usando da palavra, o **Dr. Nunes de Abreu** salientou o interesse do Ministro pela iniciativa a que presidia e recordou que tanto o Ministério como a Direcção-Geral de Saúde se sentem preocupados com o problema dos doentes terminais e darão todo o apoio para a iniciativa assistencial que despontava.

Recordando, no entanto, que as entidades oficiais não podem fazer tudo, o orador citou o importante papel supletivo das organizações não-governamentais e, sobretudo, da família.

Lembrando a sua experiência como médico hospitalar, o **Dr. Nunes de Abreu** falou da tendência que sempre verificou, para abandonar os doentes terminais, porque muitas famílias não têm condições, nem económicas nem de outra ordem para os acolher, deixando-os acabar nos hospitais. **"Mas o que deve acontecer - salientou - é que tal situação seja totalmente subvertida, de forma a que o doente morra em dignidade, junto dos seus, e dispondo de todos os meios que, enquanto ainda vivo, lhe possam proporcionar o mínimo de sofrimento"**.

Lembrando também a necessidade de apoiar as famílias, pois a presença de um doente terminal é sempre destabilizadora, o orador disse que esse poderá ser um dos aspectos relevantes da nova Sociedade Portuguesa de Medicina Paliativa, criando mecanismos de apoio tanto ao doente como aos seus familiares.

E voltou a prometer todo o apoio das entidades de Saúde para estas iniciativas.

Orador seguinte foi o **Prof. Eduardo Bruno da Costa**, para falar da constituição e dos objectivos da Sociedade Portuguesa de Medicina Paliativa.

Lembrando serem cada vez em maior número, no nosso país, os doentes em fase terminal carentes de uma assistência condigna, o orador recordou ter a Medicina Paliativa surgido, em todo o mundo, como **"uma resposta à necessidade de prestar, a estes doentes, um tratamento activo e eficaz, controlando, tanto quanto possível, os seus sintomas, para melhorar a sua qualidade de vida"**.

O orador acentuou também que "em

No sentido de avaliar as necessidades nacionais para diminuir o sofrimento e promover uma boa qualidade de vida dos doentes incuráveis ou em fase terminal, ao mesmo tempo tomando contacto com a experiência já amadurecida de outros países, realizou-se em Lisboa, o 1 Simpósio de Medicina Paliativa. A reunião serviu também para apresentação da jovem Sociedade Portuguesa de Medicina Paliativa, organizadora do simpósio e igualmente da Fundação Portuguesa de Cuidados Paliativos, em fase de instituição, entidades estas que irão actuar conjuntamente



Medicina Paliativa, o doente não é apenas a doença, nem uma alteração fisiológica isolada; é um ser humano em sofrimento, sendo este não apenas a dor física, mas tudo o que atinge e faz abalar a integridade da pessoa, na sua mais completa globalidade".

Congratulou-se com a previsão da entrada, para breve, em funcionamento, de uma Unidade de Cuidados Paliativos: na área do Porto do Instituto Português de Oncologia, o **Prof. Bruno da Costa** lamentou não existirem ainda, em Portugal, outras estruturas específicas vocacionadas para este objectivo, sobretudo mais integradas na comunidade e com um ambiente mais humanizado **"mais ligadas à vida e menos ligadas ao hospital, em estrutura apoiada numa rede dinâmica e eficaz de cuidados domiciliários, pois é na sua casa e junto da sua família**

que o doente terminal deve ter tratamento e apoio, sempre que possível".

Recordando que tais estruturas são já uma realidade em vários países da Europa, o orador deplorou que a maioria dos portugueses ainda morra nas enfermarias dos hospitais, que não podem oferecer aquilo de que os doentes terminais necessitam, dado não estarem para isso concebidos, nem estruturados e salientou igualmente que os profissionais de Saúde raramente têm formação e disponibilidade para tratar de doentes terminais, cuja assistência, pela sua globalidade, necessita de uma equipa multidisciplinar médica e paramédica.

O **Prof. Bruno da Costa** enumerou depois os objectivos da Sociedade Portuguesa de Cuidados Paliativos (ver caixa), citando a propósito a experiência pioneira do St. Christopher's Hospice, de Londres, cujo director, **Dr. Anthony Smith**,

estava presente e iria em breve usar da palavra.

Sobre a **Fundação Portuguesa de Cuidados Paliativos** falou seguidamente o **Prof. Manuel Machado Macedo**, revelando que esta organização não está ainda constituída devido a exigências legais, uma das quais é a de ter meios suficientes para garantir a sua existência e a concretização dos seus objectivos.

"Não temos ainda, por isso a Fundação - comentou o orador - mas temos o espírito que vai talvez tornar possível que se angariem os fundos e se garantam proventos a aplicar devidamente, para que a Sociedade Portuguesa de Medicina Paliativa possa ter aquilo de que necessita".

O **Prof. Machado Macedo** concordou estarem a sociedade e a fundação perante uma tarefa difícil, mas manifestou-se confiante em que, todos unidos, a partir do simpósio que

se iniciava e de outras reuniões a realizar, será comprovada a necessidade de instituições de Medicina Paliativa, que irão surgir na sequência deste esforço.

Advertiu seguidamente o orador para que não deve nunca haver rivalidade entre aqueles que em Portugal já se esforçam por fazer Medicina Paliativa, mas antes todos se devem unir para o mesmo fim que é a assistência ao doente terminal e aos seus familiares, libertando, ao mesmo tempo, os hospitais das camas que tão necessárias se tornam para os doentes recuperáveis.

E a concluir, o **Prof. Machado Macedo** manifestou a confiança em que o Ministro da Saúde forneça à Sociedade e à Fundação os meios possíveis para levar a cabo a sua missão, até porque o Dr. Paulo Mendo é também, dada a sua carreira um conhecedor dos problemas do doente terminal. Mas lembrou também que, de qualquer maneira, é fundamental a colaboração das entidades privadas. Na sequência destas afirmações, voltou a intervir o Director-Geral de Saúde, pedindo que a Sociedade Portuguesa de Medicina Paliativa e a Fundação Portuguesa de Cuidados Paliativos fizessem uma lista das suas necessidades, para ser presente ao Ministro da Saúde, de forma a que o Ministério possa rapidamente desbloquear o seu auxílio, lembrando também haver um apoio da Organização Mundial da Saúde, para que em Portugal possam arrançar os cuidados paliativos.

E assim se concluiu a primeira sessão de trabalhos.

A intervenção estrangeira

O testemunho da experiência europeia e mundial em termos de Medicina Paliativa foi trazido a esta sessão do simpósio, por três dos mais reputados e experientes especialistas na matéria: o **Dr. Anthony Smith**, director do Saint Christopher's Hospice, de Londres; o **Prof. Vittorio Ventafridda**, presidente da Associação Europeia de Cuidados Paliativos e o **Dr. Jan Stjernswärd**, do sector de cuidados paliativos da Organização Mundial de Saúde.

Daremos, seguidamente, a síntese das suas intervenções. **"Hospício de Saint Christopher - Evolução de uma experiência"** foi o título da intervenção do **Dr. Anthony Smith**. Sobre esta instituição, marco de referência em Cuidados Paliativos para todo o mundo, ao qual acorrem,

permanentemente, médicos e enfermeiros de todos os pontos do globo, para assimilar a sua experiência e os seus ensinamentos, o orador lembrou os motivos que levaram à sua fundação e apresentou a sua estrutura actual, tanto em arquitectura como em serviços.

Em termos de assistência, explicou que se faz, aos internados, o controlo tanto da doença de base como dos piores sintomas, como as náuseas, a falta de ar ou ainda os problemas urinários, igualmente se tratando do medo, da depressão, da ansiedade e até dos estados confusionais, sem esquecer a boa comunicação, tanto com o doente como com a família, escutando-os e dando conselhos em relação às suas dúvidas e às suas angústias.

"Mas é sempre necessário manter uma esperança, no apoio tanto ao doente como aos familiares" comentou o orador, esclarecendo que o apoio se estende

aos problemas colocados pelo doente quanto à sua morte e mesmo ao que lhe acontecerá após a morte, dando assim também uma assistência de tipo espiritual.

Mesmo após a morte do doente, segundo esclareceu o **Dr. Anthony Smith**, a família não é bem uma assistência de tipo espiritual.

Mesmo após a morte do doente, segundo esclareceu o Dr. Anthony Smith, a família não é abandonada, havendo um serviço de luto que presta o necessário apoio psicológico, pondo-se até em contacto familiares de vários falecidos, que mutuamente se apoiam nessa fase difícil das suas existências.

Referindo-se a **"Medicina Paliativa - Necessidade e Conceito"**, o **Prof. Vittorio Ventafridda** felicitou os que empreenderam agora, em Portugal, a prática da Medicina Paliativa, lembrando tratar-se de uma tarefa extremamente importante no cenário global da Saúde, a nível mundial.

O orador apresentou depois dados referentes ao cancro, como segunda causa de morte no mundo, tanto em termos de previsão futura de número de casos como de possibilidades terapêuticas, mas para os quais, segundo advertiu **"vai ser necessário um programa internacional alargado de Medicina Paliativa"**. A este respeito, o orador salientou que iremos tratar de doentes incuráveis, com o principal objectivo de melhorar a sua qualidade de vida, enquanto esta durar, e também de **"ensinar as famílias a lidar com este problema terrível que é do doente terminal"**.

Acentuou o orador que, por estranho que pareça, se tem de pensar nos doentes terminais de uma forma semelhante à com que se encaram os recém-nascidos, abraçando todas as fases da vida do ser humano, sendo a Medicina Paliativa não apenas médica, mas também uma actividade multidisciplinar que envolve enfermeiros,

psicólogos assistentes sociais e familiares. **"A família é um elemento muito activo neste campo"**, concretizou o prelector, referindo depois que, felizmente, o controlo dos sintomas e o tratamento da dor do doente terminal têm evoluído muito, sem no entanto esquecer o apoio psico-social, dado que o doente não deve, de forma alguma, sentir que está só, devendo ser afastado das enfermarias para um ambiente diverso, de preferência o seu lar, onde tem todas as referências e apoios da sua existência.

Citou também a assistência espiritual como **"um desafio do futuro da Medicina Paliativa"**, dado não estar ainda devidamente clarificado este aspecto, que no entanto, necessita de ser melhorado, dado o doente em fase terminal ser uma pessoa que perdeu todos os seus valores e vive, portanto, numa situação de angústia e desorientação, até se interrogando sobre a morte que presente.

Referiu igualmente o **Prof. Vittorio Ventafridda** a necessidade de apoio à família no período do luto e acentuou a importância de se criarem programas de cuidados paliativos que atinjam toda a população, para que esta se mentalize da sua importância. E apresentou, finalmente, os diversos esquemas de prestação de cuidados paliativos, em que incluiu uma apreciação sobre os fármacos para a terapia da dor.

A intervenção do **Dr. Jan Stjernsward** incidiu sobre **"Medicina Paliativa - Visão Global e perspectivas Futuras"** apresentando a sua experiência em vários países dos diversos continentes e demonstrando a variabilidade de atitudes perante o doente terminal e a sua morte, consoante os dados

culturais de cada país.

Recordou o orador a necessidade, em cada país, de um órgão coordenador da prestação de Cuidados Paliativos, apresentando esquemas da sua estrutura, e salientando ser necessário, no entanto, que o orientador supremo de tal órgão deva ter características especiais, sendo uma figura a política, prestigiada e com uma visão muito clara e determinada dos objectivos a atingir.

E como exemplo citou a Catalunha que, em três anos, deverá atingir o ponto máximo da boa qualidade de vida para os cancerosos terminais, lembrando igualmente que é necessário cuidar, consoante as suas características, das outras patologias que causem também estados terminais.

Intervindo a terminar os trabalhos, a **Drª Maria Barroso**, presente na sessão manifestou-se impressionada com as intervenções que ouvira e prometeu interceder, junto das instâncias a que está ligada, para que haja todo o apoio ao progresso dos Cuidados Paliativos no nosso país.

Neste **I Símpósio de Medicina Paliativa** foram também estudados os interfaces desta disciplina com a dor oncológica, a SIDA e as doenças do neurónio motor. Igualmente se estudaram as estratégias de articulação entre a Medicina Paliativa e as unidades de Saúde, bem como entre os hospitais e os cuidados domiciliários, tendo ainda sido debatidos casos clínicos num "workshop" sobre a Dor. O **Dr. Xavier Gomez Batiste**, director do Serviço de Cuidados Paliativos do Hospital Duran Reynolds, de Barcelona, apresentou programas e modelos europeus de Cuidados Paliativos e os diversos tipos de impacto, desde o social ao económico, da prática da Medicina Paliativa. ■

Objectivos da Sociedade

- Sensibilizar a sociedade portuguesa para o problema dos doentes incuráveis, com doença avançada e progressiva; não só ao nível de cuidados de Saúde; mas também aos níveis sociais e humanos.
- Ter em conta as experiências já seguidas e amadurecidas noutros países, para promover uma reflexão sobre a visão estratégica que o nosso país deverá alimentar sobre as medidas concretas a desenvolver.
- Realçar a importância da Medicina Paliativa como parte integrante e fundamental do exercício médico. E nesse sentido, promover e desenvolver a investigação e a formação profissional de base.
- Desenvolver acções de carácter formativo sobre os

múltiplos aspectos que a Medicina Paliativa integra como actividade interdisciplinar.

- Promover a criação de um Centro-Piloto de Medicina Paliativa, integrado na comunidade e apoiado por uma pequena rede de cuidados domiciliários. Este centro poderá constituir a unidade de formação e de divulgação dos princípios, e técnicos da Medicina Paliativa, junto dos técnicos de saúde e da sociedade.
- Procurar reunir vontades para criar, no nosso país, uma sensibilização cultural e social para o problema da Medicina Paliativa, tentando empenhar, neste projecto, pessoas e instituições para que com o seu contributo, individual ou colectivo, possam dar corpo ao movimento dos cuidados paliativos. ■